

Discurso Recepção Celso Lafer - Academia Paulista de Letras

Paulo Bomfim

As ondas do Báltico trazem às praias paulistas a genialidade de uma família. Sementes da Lituânia brotam num quadro de Segall e frutificam na saga dos Lafers que aportam em São Paulo de Piratininga.

E tudo principiou no Largo de São Francisco onde o pai transmite ao filho o amor à Justiça e à Liberdade; o Largo se alarga ao Arouche quando as portas acadêmicas se abrem para saudar a chegada de Celso Lafer.

Paralelamente querido confrade, quatro destinos predestinados entrecruzam-se em Araraquara em torno da Chácara de meu bisavô Carlos Baptista de Magalhães.

Em épocas diversas, sua mãe, minha mãe, Gilda de Mello e Sousa e Ruth Cardoso fazem os trilhos da Araraquarense se encontrarem num universo de amor e idealismo.

A Cadeira 23 faz parte de meu mobiliário sentimental. Seu fundador Monsenhor Manoel Leite casou meus pais, batizou-me na Igreja da Consolação e foi meu eleitor em 1963.

Maior amigo do avô Sebastião Lebeis, um santo agnóstico, acompanhou a vida de minha família em momentos de alegria e de tristeza. Cavaleiro exímio, cavalgava todas as manhãs nas redondezas do educandário que dirigia em Vila Mascote. Grande orador sacro abençoou os jovens que partiam com seus sonhos para as trincheiras de 32.

Diretor do Colégio do Carmo, seus restos mortais repousam na Ordem Terceira e sua lembrança acompanha os passos do poeta.

Seu sucessor na Cadeira 23 foi o professor Fernando de Azevedo que tomou posse envergando o fardão da Academia Brasileira de Letras. Quando o ilustre sociólogo e educador candidatou-se a primeira

vez a este sodalício, como era de praxe na ocasião, submeteu o discurso que faria ao presidente Aristeu Seixas. Ambos de gênio forte se desentenderam a respeito de alguns tópicos de sua oração de posse.

Fernando de Azevedo retira a candidatura e Aristeu Seixas indica meu nome. Assim, curiosamente, fui eleito para vaga de vivo. Na ocasião, lancei Fernando de Azevedo para Intelectual do Ano "Troféu Juca Pato".

Futuramente tive a alegria de participar de sua eleição, onde agora se repete o caso de um acadêmico primeiro tomar posse na Academia Brasileira e, posteriormente, em nossa Academia.

Sucedendo a Fernando de Azevedo, é eleito o médico e historiador Lycurgo de Castro Santos Filho, que presidiria esta casa e o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo com raro brilho. Prosseguindo o destino histórico desta cadeira elegemos então Antonio Ermírio de Moraes que tive a emoção de saudar. Manoel Leite e ele unem-se nas mais belas lembranças de

minha juventude. Saudando Antonio Ermírio saudei a vida e a obra de meu antigo colega.

Amizade nascida nos anos 30 nos bancos do Liceu Nacional Rio Branco.

Para substituir um homem insubstituível, só alguém da dimensão de Celso Lafer, que recebo com o mesmo entusiasmo que recebi seu antecessor.

Com Celso Lafer a filosofia ilumina nossas tradições. Humanista e industrial como Antonio Ermírio, é homem raro nestes dias massificantes em que máquinas se humanizam e os homens se mecanizam.

Quatro luzes marcam os pontos cardiais de sua Rosa dos Ventos: o pai, Jacob Lafer, o tio Horácio Lafer, o sábio Miguel Reale e Hannah Arendt a estrela guia.

A chácara do General Arouche, primeiro diretor da nossa primeira faculdade, engalana-se para receber uma das glórias da São Francisco. Aquele que comandou de maneira notável o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio e o Ministério das Relações Exteriores.

O Livre Docente de Direito Internacional Público e professor titular de Filosofia do Direito torna-se lenda na lembrança dos alunos fascinados pelo mestre.

Na magia desta noite, gostaria de lembrar que os caminhos daquele que dá nome a este logradouro e Celso Lafer se encontram na distância. Ambos professores da São Francisco e ambos industriais.

Arouche instala em 1828, no burgo paulistano, fábrica de tecidos empregando um mestre, seis oficiais, um aprendiz e vinte mulheres tecelãs. Nesse local e na Casa Verde, faz surgir a primeira plantação de chá que celebraria rituais acadêmicos de cordialidade. Na cidade transfigurada em Cosmópolis, ouvindo ao longe o marulhar do Báltico, invocando Miguel Reale damos a Celso Lafer as boas vindas a esta casa que sempre foi sua.

Paulo Bomfim é poeta, escritor, membro da Academia Paulista de Letras e Assessor da Presidência do Tribunal de Justiça de São Paulo.



Paulo Bomfim e Celso Lafer

Di Bonetti - APL

Xavier, o bom Camarada

Xavier é parceiro do jornal desde a fundação. Criou o logotipo, camiseta e selos.

Na edição número um foi publicada sua ilustração para o poema *Andorinha* de Rosani Abou Adal.

Sebastião Xavier de Lima, caricaturista, artista plástico, chargista, ilustrador e designer, nasceu em 1 de maio de 1959, em Rubiácea (SP).

Estudou na Escola Panamericana de Arte, Escola Superior de Propaganda e Marketing e Faculdade de Belas

Artes de São Paulo nos cursos de design e fotografia. Estagiou no jornal *Folha de S. Paulo*. Trabalhou com desenhos e fotografia para audiovisuais na área de treinamento da Price Waterhouse e na editoria de arte da *Revista Istoé*.

Produziu histórias em quadrinhos, cartilhas didáticas e de comunicação, projetos gráficos, caricaturas, ilustrações para publicações internas e cartazes para o Citibank, Credicard, Dow Química, Rhodia, Klabin, Vulcam, Alcan, IBM, Philips, Toga, Festo, Tigre Conexões, Sesi, Metal Leve, Spal, Panamco-Spal, lochp-Maxion, Kavallet Comunicação, Di Simoni Publicidade, Julio Lobos, Instituto da Qualidade, ABRE – Associação Brasileira de Embalagem, Reinaldo Polito, Educator Editora, *Revista Vencer*, *Revista Flash*, Yázigi, IQ - Instituto da Qualidade, HGM Consultores, entre outras conceituadas empresas e veículos.

Participou de exposições no Museu do Humor de Fene na Espanha, OAB de Avaré, Salão Bunkyo, Arte Contemporânea da Fundação Bienal de São Paulo, Amazonas em Foco do SENAC, Salão de Humor de Caratinga organizado em 2011, 6º. Salão Internacional de Humor da Amazônia, entre outros espaços.

Foi agraciado com o Mapa Cultural Paulista 2014 em São Paulo, Salão de Cerquillo 2014, Salão de Volta Redonda 2011, 6º. Salão Internacional de Humor da Amazônia, com Menção Honrosa no 34º Salão Internacional de Humor de Piracicaba 2007, entre outros importantes prêmios.

Foi selecionado com as caricaturas de Tomie Othake, Alceu Valença e Aldemir Martins - no 41º. Salão Internacional de Piracicaba de 2014.

Produziu o logo e cartaz do Salão de Humor de Avaré. Foi jurado do 7º Salão de Humor Internacional de Paraguaçu Paulista em 2014.

Vasta é sua produção artística que poderá ser visitada no endereço <http://xavierdelima1.wix.com/xavi>.

A única ilustração da edição número um foi de Xavier. O clichê usado é relíquia e preciosidade do nosso acervo.

Fica o eterno agradecimento ao parceiro Xavier, o bom camarada.



Xavier

CÍCERO E A PALAVRA

Raquel Naveira

As palavras estão carregadas de dinamite. Ninguém provou tanto esse poder quanto Cícero, o filósofo, orador, político e advogado da antiguidade romana. Em minhas duas formações acadêmicas, Direito e Letras, deparei-me com ele, com sua figura de toga branca e cabeça coroada de louros, com seus ensinamentos. Posso imaginá-lo na tribuna com sua mente versátil, seu poder de convencimento, sua retórica de mestre.

O tratado que Cícero escreveu sobre a amizade é uma das mais belas páginas que li. Lições que me têm acompanhado como estímulo e conforto em várias situações. Não é lindo ponderar que as coisas humanas são frágeis e perecíveis, que devemos procurar amigos a quem amemos e pelos quais sejamos amados? Que sem amizade e sem bondade a vida não tem prazer algum? Que devemos suportar todos os sofrimentos porque eles são breves, mesmo quando são difíceis? Que sem virtude a amizade não pode existir? Que consolo é cultivar amizades. Fiz sempre de meus alunos grandes amigos. Busquei também a amizade dos meus pares, os escritores, vivos ou mortos, como fonte de eterna afeição. Desejei ardentemente atingir a meta em companhia daqueles que seguiram a carreira das armas, que são as letras.

Impressiona a forma como Cícero lutou pelo ideal das leis e do estado de Direito. Durante a segunda metade caótica do século I a. C., marcada pelas guerras, pela ditadura de Júlio César, pelo tumulto político, pela confusão civil, pela infraestrutura minada de corrupção que sabotava a liberdade, Cícero tentou salvar com todas as forças esse valor fundamental da República. Perseguiu de forma implacável os traidores, os inimigos da democracia, procurando derrubar as conspirações com seus discursos inflamados. Um desses inimigos foi Catilina. As célebres "catilinárias" são até hoje exemplos estupendos de como se faz um libelo, ou seja, uma peça de acusação capaz de deixar o opositor encurralado. Cícero enumerou os excessos de Catilina e seus seguidores, denuncia seus simpatizantes como patifes e ladrões. E quando pairava alguma dúvida, na sua autoridade como cônsul do Senado, utilizava de um recurso infalível: perguntas. Uma torrente de perguntas já contendo em seu bojo as evidências e as respos-

tas. Vejo-o bradar: "Até quando, Catilina, abusará de nossa paciência? Quanto zombará de nós ainda esse teu atrevimento? Onde vai dar tua desenfreada insolência? Não vês a todos inteirados da tua já reprimida conjuração? Julgas que algum de nós ignora o que obraste na noite passada, onde estiveste, a quem convocaste, que resolução tomaste?" Cícero parece capaz de penetrar nos acontecimentos, com aguda lucidez.

Catilina foge, conspiradores são estrangulados, mas Cícero ainda enfrenta o cônsul Marco Antônio, a quem julgava fraco e desprezível. Depois teve que encarar o terceiro cônsul, Otávio, que já se preparava para se tornar o imperador Augusto e dar fim total à República. Cícero, que tinha o apoio e a admiração da multidão, foi exilado, apanhado numa liteira quando tentava embarcar num navio para a Macedônia. Cortaram-lhe a cabeça e as mãos, que foram pregadas no Fórum Romano. A esposa de Marco Antônio arrancou-lhe a língua e a trespassou com seu gancho de cabelo numa vingança contra o seu dom de falar. Mais tarde, o filho de Cícero anunciou a derrota naval de Marco Antônio ao sair do Egito e o imperador Augusto reconheceu que Cícero tinha sido um cidadão sábio que amara sua pátria.

Conheço tão bem essa história. Dei aulas de Literatura Latina por vários anos. Coloquei em meus filhos os nomes de Augusto e Otávio. A menina não se chama Cleópatra, é Leticia, minha alegria.

São inúmeras as passagens bíblicas que falam sobre a língua e o poder das palavras para bênção e maldição. Que os homens serão absolvidos ou condenados pelas palavras que tiverem dito. Que se alguém não tropeça no falar é perfeito, capaz de dominar todo seu corpo. Que a língua é um pequeno órgão, mas pode atear fogo num bosque com uma simples fagulha. Que pode contaminar a pessoa por inteiro e incendiar o curso de sua vida.

Que tempo o nosso. Por toda parte línguas que açoitam, afrontam, tramam destruição, navalhas afiadas, cheias de engano e mentira, espadas, flechas envenenadas, armadilhas mortais, peçonha de víboras, lábios de falsidade. Palavras carregadas de dinamite. Perturbação nos ares. Mesmo amordaçada, a chama que alimentou Cícero vibra em meu coração de humanista.

Raquel Naveira é membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e do Pen-Clube do Brasil.

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br
Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal
Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000
Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.
Impresso em *A Tribuna Piracicabana* -
Rua Tiradentes, 647 - Piracicaba - SP - 13400-760

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi
Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores
O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.

JULIETA DE GODOY LADEIRA - NOTÁVEL ESCRITORA

Caio Porfírio Carneiro

Conheci Julieta de Godoy Ladeira quando ela, eu e o João Antônio vencemos um concurso de contos de Natal, no final dos anos cinquenta, promovido pelo escritor Ricardo Ramos, que dirigia, na época, o suplemento literário do Jornal *Última Hora*, de São Paulo. Os contos foram publicados no suplemento, houve coquetel e eu, ela e João Antônio fizemos boa amizade. De então até sua morte, em 1997, tivemos encontros constantes, às vezes esparsos, porque a vida em São Paulo afasta os amigos por meses seguidos. Mas sempre acompanhamos de perto o nosso "andamento" literário.

Enquanto estive casada com o escritor Osman Lins, eu participei das recepções periódicas no apartamento em que moravam. Compareci a muitas delas. Foram noites muito agradáveis, de conversas descontraídas, pouca literatura, boas anedotas, boa bebida e excelentes salgadinhos.

Julieta, paulistana de nascimento, além de escritora, andou sempre metida com publicidade, aulas na faculdade de propaganda, cursos e conferências, chegou a fundar uma editora – *LR Editores* – onde publicou bons livros, inclusive um romance-memória – *Ponto Final: Katimandu* – de um amigo meu, Lúcio Martins Rodrigues, muito viajado, culto e metido com obras de arte, e que esteve tantas vezes no Nepal que o considerava o seu segundo lar. Fiz as orelhas do livro. Participei de antologia organizada por ela e vice-versa.

Foi sempre uma amizade camarada. Via-nos mais nos lançamentos literários, aos quais ela não ia muito, ou nos cursos literários que dávamos na Casa Mário de Andrade, no tempo em que a escritora Anna Maria Martins fora diretora. Tirávamos alguns minutos para um dedo de prosa, e ela trazia sempre à baila o nome do Osman Lins, que nunca esqueceu e por cuja divulgação da sua obra sempre batalhou.

Julieta era uma escritora notável, desde sua estréia, em 1962, com o livro de contos *Passe as férias em Nassau*, com o qual ganhou o prêmio *Jabuti* do ano. Tenho todos os seus livros autografados e guardo preferência pelo romance *Entre Lobo e Cão*, de 1971.

Com o tempo passando, a idade avançando, talvez a solidão com a morte de Osman Lins, notei que a Julieta ia se tornando uma criatura amargurada. Na sua conversa mansa, quase carinhosa, deixava escapar certa rispidez e reitências que não eram dela quando mais jovem. Teve uma discussão comigo, mostrou-se áspera, quase agressiva, por um motivo bobo, uma nonada, quando dávamos aula na Casa Mário de Andrade, que me espantou:

- O que é isto, Julieta? Do que é que você está falando?

Passei a ter mais cautela quando a ela me dirigia. Ela, porém, continuou a me tratar como se nada tivesse acontecido. Fiquei com o pé atrás, porque me diziam que ela feria as pessoas por nada.

Poucos anos antes do seu falecimento, tivemos juntos momentos muito agradáveis, porque fomos escolhidos, quatro anos seguidos, só nós dois, para membros do Concurso de Contos promovido pela Secretaria Estadual de Cultura. Um concurso em que concorriam contistas do Estado inteiro. Pastas e mais pastas de textos curtos das mais diversas regiões, que faziam uma pré-seleção nas delegacias das doze regionais da Secretaria.

Trabalho árduo. Tão estafante que às vezes eu parava, dava um tempo, porque já nem sabia se estava selecionando bem ou não.

Desde o primeiro julgamento, combinamos: eu leria tudo sozinho, ela também, e não trocaríamos palavra nem por telefone. Escolheríamos um número determinado de finalistas. Só então nos reuníamos para a confrontação. Da primeira vez, entre centenas de concorrentes, batemos, acertamos na mosca em aproximadamente oitenta por cento dos escolhidos. Rimos a valer. Foi fácil a classificação dos melhores. No ano seguinte, repetiu-se a dose. No outro, a mesma coisa. Na última vez, um ano antes da sua



Julieta de Godoy Ladeira e Osman Lins

morte, foi um estouro: os contos que ela selecionou foram exatamente os que seleccionei, sem uma discrepância. Brinquei:

- Julieta, como *nós* julga bem...

- Incrível, Caio.

Verdade. Nossas opiniões sobre o valor de um trabalho de ficção curta eram incrivelmente coincidentes, muito embora nossas linhas literárias fossem tão divergentes.

- Como julgamos bem, hem, Caio?

- Ou pessimamente iguais.

Foi a última vez que nos encontramos e que a vi. Cometi um pecado mortal: soube que ela se sub-

metera a uma operação séria, em conseqüência da qual veio a falecer. Caminhava para a casa dos sessenta. Não lhe dei o único telefonema. Pode, seu Caio, fazer isso com uma amiga das letras, que começou juntamente com você e João Antônio, através de um concurso literário, quatro décadas atrás? Sabe, seu Caio, vá para... vá para ...

Não digo nada, porque mereço ir mesmo.

Caio Porfírio Carneiro é escritor, contista, romancista e membro do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

Roberto Scarano



Advogado

OAB - SP 47239

Execuções

Cível

Família

Trabalhista

Rua Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

Memórias literárias

Geraldo Pereira

Marques Rebelo foi o grande retratista da vida carioca, trilhando, sem dúvida alguma, o mesmo caminho daqueles a quem ele sucedeu: Manoel Antônio de Almeida, Machado de Assis e Lima Barreto. Dele me aproximei no final da década de 40, uma paixão nos unia – o América – o conheci na sede do Clube, no bairro da Tijuca, na rua Campos Sales, 118, título do livro em que ele retrata a história do nosso Clube.

De quando em quando, almoçava com o autor de 'Marafa' - seu primeiro grande livro - surgido em 1935, recebendo logo dois prêmios e sendo saudado pela crítica. Conversávamos sobre todos os assuntos, inclusive literários, naturalmente. Num desses 'papos' perguntei-lhe: Por que a Academia Brasileira de Letras, da qual ele era membro, não abria as suas portas para dois grandes intelectuais de prestígio, como Gilberto Freyre e Vinícius de Moraes? Respondeu-me rapidamente, com uma só palavra: "Nunca!". Fiquei perplexo com a resposta, não me deixando prosseguir com essa perplexidade, ele continuou incisivo, após o 'nunca', "Geraldo, você jamais verá na Academia um Gilberto Freyre. Quem é que quer conviver com um homem, com o qual tem que se medir as palavras para falar-lhe? Vinícius, com aquele copo de whisky, não casa com a Academia.

Já vai para mais de meio século, Gilberto e Vinícius estão do outro lado do mundo, e não entraram na 'Casa de Machado de Assis'.

Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho, de saudosa memória, era um intelectual na acepção da palavra, engajado na defesa das boas causas, intelectual participante, presidente da Academia Brasileira de Letras, e da ABI - Associação Brasileira de Imprensa, também, foi decano de ambas. Era um homem simples. Ex-governador de Pernambuco, deputado em diversas legislaturas, era um homem educado, finíssimo, dava expediente diariamente na 'ABI', eu tinha pelo ex-governador da minha terra, uma profunda admiração, eu não, o Brasil inteiro, admiração que ele não pe-

diu, conquistou-a, através de uma vida cheia de dignidade e coragem. Barbosa Lima Sobrinho, voz sempre altiva, voz que não se calou, diante do árbitro militar de 64.

Época houve em que a carona no seu automóvel, quase todos os fins de tarde, me fez mais próximo de mestre Barbosa Lima, no seu gabinete da 'ABI', para as tertúlias literárias, que sempre estavam na ordem do dia e no final delas.

Assim como Luís Carlos Prestes e Heráclito Fountoura Sobral Pinto, mestre Barbosa Lima, possuía uma memória privilegiadíssima. Nas tertúlias literárias, o ponto alto era quando ele retirava do seu 'baú' fatos e episódios inesquecíveis, da História do Brasil, muitos vividos por ele próprio. Chamava-me a atenção, o seu bom humor, tinha umas 'tíradadas' que me faziam rir, eu ria e notava que ele ficava satisfeito e prosseguia: "Geraldo, você conhece o poeta Jorge de Lima", respondi-lhe de imediato: "É claro!" "Essa Nega Fulô", o imortalizou, ele é médico tem escritório aqui na Cinelândia."

Mestre Barbosa me conta um episódio sobre Jorge de Lima. Ele foi vereador e presidente da Câmara de vereadores. Numa sessão tumultuada, com os vereadores exaltados, trocando 'sopapos' ele na Presidência, sentado e escrevia de cabeça baixa. Como as coisas continuavam com ameaças, agora de revólver, um vereador apontando a arma para o outro, um dos presentes foi correndo até a presidência da mesa e disse-lhe: "Presidente, o senhor não está vendo, pode sair tiros e mortes?" E o Jorge: "Aonde?"

O poeta, presidente, estava com as vistas voltadas para o poema que estava sendo feito naquele instante, não podia perder a inspiração.

Quando do funeral do grande saudoso Alceu Amoroso Lima, ocorrido em agosto de 1983, o escritor e notável memorialista Pedro Nava, em pleno Cemitério de São João Batista, ergueu sua voz e disse: "Quem deve substituir Alceu, na Academia é Sobral Pinto, que não deve ser eleito e sim aclamado!"

A Academia estava totalmente acovardada, escritores e jornalistas, sendo presos, surrados e torturados, e a Academia surda e muda. Não



Barbosa Lima Sobrinho, Arrais, Ariano Suassuna e Geraldo Pereira

dava uma palavra, parecia que não estava acontecendo nada.

Procurei Sobral Pinto e disse-lhe: "Dr. Sobral, o Brasil precisa do senhor na Academia, o senhor vai fazer a Academia acordar, desse sono covarde, vai denunciar esses atos de arbítrio, pelo qual o senhor também passou."

Toda tarde o presidente da Academia Brasileira de Letras, Austregésilo de Athayde, aguardava o seu motorista, sentado num banco, no jardim da 'Casa de Machado de Assis'. De quando em quando eu passava por lá e batia um 'papinho' gostoso com ele. Digo isso ao Dr. Sobral e peço a sua autorização, para falar sobre o seu ingresso na Academia, com o presidente Austregésilo Dr. Sobral me respondeu que não era escritor, não tinha obras literárias, mas ressaltou que Academia Francesa tinha a figura do 'Expoente' de sua Classe. "Mas, eu não sou expoente de minha classe, não sou expoente de coisa nenhuma."

Despedi-me e disse: "Tá, depois falaremos!". Dali vinte minutos (a banca de advocacia do Dr. Sobral ficava alguns quarteirões da Academia), estou diante do presidente Austregésilo, que como sempre, estava no mesmo lugar aguardando o seu motorista. Orgulhoso e contente leio a matéria da Folha, sobre os funerais do Dr. Alceu, dou ênfase, às declarações do Pedro Nava, "Quem deve substituir Alceu, na Academia, é Sobral Pinto, que não deve ser eleito e sim aclamado."

Falo-lhe da honra da Academia ter em seu seio, um homem como Sobral Pinto, com a sua cultura e a sua coragem. Ele ouviu, sem me pres-

tar, mas prestando muita atenção, disse-me: "Você diz ao Dr. Sobral, se ele quiser entrar para Academia, terá que visitar os acadêmicos e pedir votos, como todos fazem."

Retruquei: "Presidente Austregésilo, o senhor sabe, o Dr. Sobral, não é homem de pedir nada a ninguém, é um homem de altíssima respeitabilidade, sua entrada para Academia, significa a 'Casa de Machado de Assis'".

Numa dessas tardes, de tertúlia com o mestre Barbosa Lima Sobrinho, lembro esse episódio, ele dá continuidade ao assunto e me diz que Gilberto Freyre queria entrar para Academia, mas fazia questão de ser aclamado. Seria uma grande aquisição à Casa. O que não era possível, e passou a me explicar porquê: "Monteiro Lobato, era o escritor de maior prestígio no Brasil e a Academia o convidou para ser seu membro, ele foi eleito por aclamação. A imprensa deu destaque e a posse dele foi marcada. Seria um grande acontecimento", me diz o Dr. Barbosa. "Um dia antes da posse, ele passou um telegrama renunciando. Conta-se que o seu amigo o jornalista Júlio Mesquita Filho, teria aconselhado a renunciar, dizendo-lhe: 'Você vai encontrar Getúlio Vargas, na Academia, o homem que te prendeu?' Tanto Monteiro Lobato, como Júlio Mesquita Filho, foram presos na ditadura de Getúlio, o jornalista foi, inclusive, exilado. Por esse motivo a Academia não mais permitiu a eleição por aclamação."

Geraldo Pereira é escritor, jornalista e conselheiro da Associação Brasileira de Imprensa.

Sobrecarta

(a letter came to me)

Para Maria Lúcia Simões

Fábio Lucas

Tomaram corpo as palavras
 rumo ao desconhecido
 campo do espanto
 Mais que o canto das letras
 o afeto refloriu
 nos intervalos
 Florescem perguntas
 no fecundo solo
 dos auspícios
 Suspenso nas altas esferas
 do entendimento
 o coro harmonioso
 Rangem as roldanas do arquivo
 trancam memórias
 lavras de emoções
 beleza

Fábio Lucas é escritor, crítico literário, professor, membro da Academia Paulista de Letras e da Academia Mineira de Letras.

Drummondiana

Emanuel Medeiros Vieira

Para Vili Andersen

(...) "Caminho todas as tardes por estes quarteirões desertos, é certo/
 Mas nunca tenho certeza se estou percorrendo o quarteirão deserto/
 Ou algum deserto em mim" (Manoel de Barros, "Miudezas")

Chacinas, propinas, rimas (ruins, é certo).

Não é uma solução – não é Drummond?

Havia sim uma pedra no meio do caminho.

Outra e mais outra.

Um anjo torto pousou em mim, na minha ilha, no meu país?

E recebi a bênção de um milagre cotidiano: uma criança, o coqueiro, o mar.

(Este "instante eterno" legitima a jornada.)

Uma enfermidade – a consciência da "brevidade infinita" desta vida.

"Compreender que a gramática é um instrumento, e não uma lei".

(Fernando Pessoa, "Livro do Desassossego")

Clamo por Deus – estou Buscando-O em todo caminho – sempre.

E Ele Desaparece/Reaparece.

E um anjo bom sorri.

(Salvador, junho de 2015)

Emanuel Medeiros Vieira é escritor, poeta, jornalista, advogado, crítico de cinema e membro da Associação Nacional de Escritores.

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS
 - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO –
 COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÓFARES - SEMENTES -
 CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...



Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: Livraria virtual **TodaCultura:** www.todacultura.com.br
 via telefax: (11)5031-5463 - E-mail: debora_nc@uol.com.br - Correio:
 Rua Ática, 119 - ap. 122 - São Paulo - SP - Cep 04634-040.

Concursos

O **Prêmio Jabuti**, promovido pela Câmara Brasileira do Livro, está com inscrições abertas até 31 de julho para 27 categorias.

Os interessados poderão inscrever obras editadas no Brasil, inscritas no ISBN, com ficha catalográfica, publicadas em língua portuguesa, em primeira edição, entre 1º de janeiro e 31 de dezembro de 2014.

Premiação: Os vencedores em primeiro lugar, de cada categoria, receberão a importância de R\$ 3.500,00 e o troféu *Jabuti*.

Os laureados com os Prêmios *Livro do Ano Ficção* e *Livro do Ano Não Ficção*, receberão, cada um, o *Troféu Jabuti* dourado e o valor bruto de R\$ 35.000,00, sendo deduzidos os encargos legais.

Taxa de inscrição: R\$ 245,00 (sócios CBL) e R\$ 405,00 (não sócios).

Informações e regulamento: www.premiojabuti.com.br

1º Concurso Nacional de Crônicas, promovido pelo Sindicato dos Auditores Fiscais da Receita do Estado do Rio de Janeiro, está com inscrições abertas até o dia 15 de julho com o tema "Para onde vai o meu imposto?".

Os interessados poderão inscrever trabalhos digitados em Times New Roman ou Arial, corpo 12, espaçamento 1,5, com um máximo de 3 mil caracteres. Não há limite de textos para inscrever, desde que sejam com títulos diferentes.

Premiação: Publicação no Informativo *Plantão Fiscal*, no site e mídias sociais da entidade; e 1º lugar, R\$ 3.000,00; 2º, R\$ 2.000,00; e 3º, R\$ 1.000,00.

As crônicas deverão ser enviadas, em documento de Word anexado, para imprensa@sinfrejrj.com.br.

Informações: (21) 2509-2706 (opção 6) ou pelo e-mail: imprensa@sinfrejrj.com.br.

Regulamento: www.sinfrejrj.com.br/



Troféu Jabuti

divulgação

A volta

Raymundo Farias de Oliveira

Caminhando pela rua sossegada eu ouvia o monótono martelar dos meus próprios passos nas calçadas por onde passaram tantos amigos agora ausentes.

Em cada esquina, em cada casa, em cada varanda uma lembrança, uma saudade... Cadê os bares, restaurantes, cafés e a sorveteria de antigamente? As charretes que faziam a ponte aérea entre a Avenida e a Vila Tropical, onde a boemia acolhia os sócios e sócias da mesma dor? O que fizeram dos violões, do violino e do bandolim? E os cantores e cantoras? Estaria eu rodeado de queridos fantasmas festejando minha volta à cidade no silêncio de uma noite morna?

Raymundo Farias de Oliveira é escritor, poeta e Procurador do Estado aposentado.

Partida

Cynthia Cisneiros

Um dia rirei insolente ao mar
À nau que não içou as velas
Ao leme de asas partidas.
Quem és tu, alma fingida?
Como te atreves ir ao mar do amor suicida?
Uma dose morna de amor
O sal do oceano nos olhos
E teu olhar sombrio e distante
Sempre em partida.
Somos corpos plantados às marés
Com cheiro de terra nua...
Aves mestiças de um verão morto.

Cynthia Cisneiros é escritora, poeta pernambucana e Bacharel em Ciências Econômicas.

LINGUAGEM VIVA

Assinatura anual: R\$ 70,00
semestral: R\$ 35,00



Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

linguagemviva@linguagemviva.com.br

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

xavierlima@terra.com.br
xavierdelima1@gmail.com
(14) 3731-9471
(14) 99161-0675 (Claro)
(11) 97958-6182 (Tim)
www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Notícias de Piracicaba



Evaldo Vicente, Valdemar Romano, Aracy Duarte Ferrari, Antonio Carlos Fusatto, Gustavo Alvim, Cassio Negri, Carmen Pilotto, Walter Naime e Elias Salum.

A Academia Piracicabana de Letras empossou a nova diretoria, no dia 30 de maio, na Escola de Música de Piracicaba Maestro Ernest Nahle. A entidade será presidida por Gustavo Jacques Alvim, cargo ocupado pela acadêmica Maria Helena Corazza.

Vice-Presidente – Cassio Camilo Almeida de Negri; Primeiro Secretário - Carmen Maria da Silva Fernandes Pilotto; Segundo Secretário - Evaldo Vicente; Primeiro Tesoureiro - Antônio Carlos Fusatto; Segundo Tesoureiro - Waldemar Romano; Bibliotecária - Aracy Duarte Ferrari.

Conselho Fiscal: Walter Naime, Elias Salum e Cezário de Campos Ferrari. Editor e Jornalista Responsável: João Umberto Nassif.

Conselho editorial: Antonio Carlos Neder, Ivana Maria França de Negri, Rosaly Curiacos de Almeida Leme e Myria Machado Botelho.

O Recanto dos Livros, acervo de livros de literatura, técnicos, religiosos, jurídicos, juvenis, infantis, enciclopédias, além de CDs e revistas seminovos do Lar dos Velinhos, foi inaugurado no dia 13 de junho em novas instalações, Av Torquato da Silva Leitão, 615, em Piracicaba. Aberto para venda e doações de livros, aos sábados, das 8 às 13 horas. A renda obtida na venda é revertida ao Lar dos Velinhos.

João Umberto Nassif, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba e da Academia Piracicabana de Letras, e sua esposa Vera estão à frente do projeto com a ajuda de voluntários.

Leda Coletti, membro da Academia Piracicabana de Letras, doou uma biblioteca, com mais de 5 mil títulos, para o Recanto dos Livros.

Cecílio Elias Netto foi homenageado pelo Sarau Literário Piracicabano, que é coordenado por Ana Marly de Oliveira Jacobino, no dia 16 de Junho, no Museu Prudente de Moraes. O tema foi *Arco, tarco ou verva*. Cecílio Elias Netto, jornalista, advogado e escritor, nasceu em 24 de junho de 1940, em Piracicaba. Autor de *Arco, tarco ou verva* e de *Piracicaba que amamos tanto*, obra que será lançada em três volumes em homenagem aos 250 anos de Piracicaba que será comemorado em 1 de agosto de 2017. O primeiro volume foi lançado em março.

Marlene Georgete Cury Abbas Cassab, poetisa e escritora, faleceu aos 75 anos, no dia 10 de junho, em Piracicaba. Membro do Centro Literário de Piracicaba desde sua fundação e membro titular fundador do Clube dos Escritores de Piracicaba.

Livros

Diário da Escrita, de Nelson Hoffmann, Furi, Florianópolis, SC, 104 páginas. ISBN: 978-85-7223-321-7.

O autor é escritor, romancista, novelista, cronista, ensaísta, advogado, contabilista e professor. Tem trabalhos publicados na França, Itália, Espanha, EUA, Portugal e Uruguai.

A obra reúne correspondências com escritores em 2000. Foram publicadas várias cartas trocadas com o escritor e o poeta Aricy Curvello.

Nelson Hoffmann: nelson.hoffmann@yahoo.com.br



O Ciclo da Vida, de Djanira Pio, Scoretecci Editora, 72 páginas, São Paulo. ISBN 978-85-366-4144-7.

A autora é escritora, poeta, romancista, contista e professora aposentada. Nasceu em Santa Rita do Passa Quatro e reside em São Paulo. Tem trabalhos publicados na Itália, Portugal e França.

A obra reúne contos que têm como foco a questão feminina e o difícil convívio de vida neste planeta.

Uma senhora muito idosa pega o telefone e lembra que não há mais ninguém para quem ligar. Desiste e volta ao seu mundo imaginário. Viver é só viver.

Djanira Pio: opioosa@yahoo.com.br

Antologia UBE, organizada por Joaquim Maria Botelho, Editora Global, 288 páginas, São Paulo. ISBN 978-85-260-2128-0.

A obra reúne textos de 75 autores brasileiros. São 25 poemas, 25 contos e 25 crônicas, acompanhados de textos e biografia resumida dos participantes.

Os trabalhos foram selecionados através de concurso literário da União Brasileira de Escritores em parceria com a Global Editora.

Foram publicados textos de colaboradores do Jornal *Linguagem Viva* como a crônica *A Palavra e o Sonho*, de Rodolfo Konder, página 280, com referência à publicação no jornal, edição nº 260, ano XXI, abril de 2011.

O livro foi enviado por Aricy Curvello que participa com o poema *Acampamento*, página 17.

Global Editora: <http://www.globaleditora.com.br/>



LIVRARIA BRANDÃO

Comprav-se bibliotecas e lotes de livros usados.

Vendem-se obras de 2ª mão, de todas as áreas do conhecimento humano.

Telefax: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - Fax: (Todos)
Ramal 23 - São Paulo: Rua Cel. Xavier de Toledo, 234 - s/l
oldbook@terra.com.br - www.brandaojr.estantevirtual.com.br



Carlos Nejar

Carlos Nejar lançou o romance *O Feroz Círculo do Homem*, pela LetraSelvagem, no dia 12 de junho, na Casa das Rosas, em São Paulo. As orelhas são de Miguel Jorge e o posfácio de Diego Mendes Sousa.

O Prêmio Machado de Assis de 2015, promovido pela Academia Brasileira de Letras, laureou José Rubem Fonseca, pelo conjunto de sua obra.

Mário de Sá-Carneiro: antologia, obra reunida de Mário de Sá-Carneiro (1890 - 1916), organizada por Cleonice Berardinelli, foi lançada pela Edições de Janeiro.

A Academia Paraibana de Letras Jurídicas, em parceria com a Federação das Academias de Letras Jurídicas do Brasil, promoverá o II Encontro na Semana Cultural, de 11 a 14 de agosto, em João Pessoa (PB), durante as comemorações dos 38 anos da Academia Paraibana de Letras Jurídicas. Epitácio Pessoa, Patrono da Cadeira 22 da APLJ, que é ocupada pelo acadêmico Berilo Ramos Borba, será o autor homenageado.

Academia Paraibana de Letras e o Instituto Federal da Paraíba promoveram solenidades comemorativas ao Centenário de Nascimento de Aluizio Affonso Campos, José Lopes de Andrade e Epitácio Soares. A academia é presidida por Damião Ramos.

A Academia de Letras de Campina Grande elegeu nova Diretoria que será presidida por Ailton Elisário. A Academia completou 34 anos de fundação no dia 8 de abril.

A Feira do Livro Infantil de Shangai está com inscrições abertas até 30 de junho para o programa de bolsas voltado para editores de livros infantis. O projeto, apelidado de *The Shanghai Visiting International Publishers*, será realizado durante a Feira, de 10 a 14 de novembro.

Notícias

Celso Lafer, presidente da FAPESP, tomou posse na Academia Paulista de Letras no dia 21 de maio, para a cadeira número 23, ocupada por Antônio Ermírio de Moraes (1928-2014), cujo patrono é monsenhor Manuel Vicente Montepoliciano da Silva (1851-1909). Lafer foi saudado por Paulo Bomfim. A cerimônia foi conduzida pelo presidente da Academia e secretário municipal de Educação de São Paulo Gabriel Chalita. O colar acadêmico foi entregue pela filha do empossado Inês Lafer. A entrega do diploma foi feita pelo secretário-geral da Academia Brasileira de Letras Domicílio Proença Filho. O evento contou com a presença do secretário estadual da Cultura Marcelo Mattos Araújo que representou o governador Geraldo Alckmin, do presidente do Tribunal de Justiça de São Paulo José Renato Nalini, entre outras autoridades. Estiveram presentes os acadêmicos Ada Pellegrini Grinover, Anna Maria Martins, Antonio Penteado Mendonça, Bolívar Lamounier, Dom Fernando Figueiredo, Erwin Theodor, Fábio Lucas, Jorge Caldeira, José Fernando Mafrá Carbonieri, José Gregori, José Goldemberg, José Pastore, José Renato Nalini, Júlio Medaglia, Lygia Fagundes Telles, Maurício de Sousa, Miguel Reale Junior, Paulo Nathanael Pereira de Souza, Paulo Nogueira Neto, Raul Cutait, Renata Pallottini e Tercio Sampaio Ferraz.

Luiz Ernesto Kawall foi homenageado no Prêmio de 2014 da Associação Brasileira dos Críticos de Arte, dia 19 de maio, no Teatro do Sesc Vila Mariana, em São Paulo. A ABCA destaca anualmente críticos, artistas, pesquisadores, curadores e personalidades que apoiam as artes, exposições, publicações e instituições atuantes no cenário nacional.

Visões da Obra de Helio Jaguaribe, livro organizado pelo diplomata Sergio Eduardo Moreira Lima, foi lançado na Academia Brasileira de Letras, com apoio da Fundação Alexandre Gusmão do Ministério das Relações Exteriores e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.

Ely Vieitez Lisboa ministrou duas Oficinas de Criatividade nos dias 16 e 18 de junho, na 15ª Feira do Livro de Ribeirão Preto, realizada de 14 a 21 de junho.

Ely Vieitez Lisboa elaborou o CD de Poetas de Ribeirão Preto, que será doado às Instituições de Deficientes Visuais do País.

Maria de Lourdes Alba foi agraciada, com o poema *Quebra Gelo*, no concurso Internacional "Antonio Filoteo Omodei - Pensieri in Versi", na categoria poesia em língua portuguesa. O trabalho foi premiado em terceiro lugar. A entrega da láurea foi realizada no dia 14 de junho, em Catânia na Itália.

O Projeto de Lei das Biografias, do deputado Newton Lima (PT-SP), destinado à divulgação e publicação de biografias não autorizadas, foi aprovado por unanimidade pelo Supremo Tribunal Federal, no dia 10 de junho. O projeto já havia sido aprovado pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara dos Deputados, no dia 2 de abril, em caráter conclusivo.

A ExpoCatólica, feira de livros e artigos religiosos católicos na América Latina, será realizada de 2 a 5 de julho, no Pavilhão Amarelo do Expo Center Norte, Av. Otto Baumgart, 1000, em São Paulo.

Maria Campos da Silva Velho (Cidoca), escritora, poeta e cronista, faleceu no dia 7 de maio. Membro da União Brasileira de Escritores, Ordem Nacional de Escritores, Academia de Letras de Campos do Jordão, Clube dos Escritores de Piracicaba e da Academia Feminina de Letras e Artes de Jundiá.



Jacó Guinsburg

Editora Perspectiva - 50 Anos, evento em homenagem aos 50 anos de fundação da editora, realizado no dia 20 de junho, na Casa Guilherme de Almeida, Rua Cardoso de Almeida, 1943, em São Paulo. O evento contou com a presença do editor e tradutor Jacó Guinsburg, do poeta Augusto de Campos, de Gita Guinsburg, entre outros convidados. A Editora Perspectiva, dirigida por Jacó Guinsburg, é referência na publicação de obras de artes, literatura, filosofia, linguística psicanálise, crítica, literatura, semiótica, arquitetura e ciências humanas.

Café, romance inédito de Mário de Andrade, Editora Nova Fronteira, foi lançado na Flip. A obra, coordenada por Telê Ancona Lopez, conta com a participação de professores e pesquisadores do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo.

A Universidade Jiujiang, da província chinesa de Jiangxi, realizou a primeira aula dada por uma professora robô que fez uma apresentação de PowerPoint e ensinou a lição. A robô foi projetada por uma equipe de pesquisa de Engenharia Informática e Robótica Inteligente da Universidade Jiujiang.

Indicador Profissional



Genésio Pereira Filho

Advogado

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 300 - cjs. 62/64
São Paulo - SP - 01318-903 - Tel.: (11) 3107-7589

